

TRADIÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA DO LIVRO DE ISAAC*

César Nardelli Cambraia**

Resumo: No presente trabalho examina-se a tradição em língua portuguesa do Livro de Isaac, preservada atualmente em quatro manuscritos medievais. Neste estudo, apresenta-se um estema representando a relação genética entre esses manuscritos, constituindo-se, assim, a base para a realização de uma edição crítica dessa obra.

ISAAC DE NÍNIVE: AUTOR E OBRA

Poucas foram as informações que chegaram até os dias de hoje sobre a vida de Isaac de Nínive; na verdade, resumem-se essencialmente a duas preciosas fontes: um trecho da obra *Livro da Castidade*, escrita, no séc. IX, por um autor da Síria Oriental chamado Isho'denah; e ainda um documento preservado na Síria Ocidental, de autoria e data desconhecidos. O confronto entre os dados dessas duas fontes permite reconstruir a seguinte história de vida (CAMBRAIA, 2000 a, p. 20): Isaac nasceu em Beit Qatraye (no atual Qatar) e foi ordenado bispo de Nínive no Mosteiro de Beit 'Abe (no norte do atual Iraque) por Jorge, o Católico. Cinco meses depois, renunciou ao cargo e foi viver como anacoreta na montanha de Matout, na região de Beit Huzaye (no atual Irã). Posteriormente, mudou-se para

* Recebido para publicação em julho de 2007.

** Professor da Faculdade de Letras/UFMG.

o Mosteiro de Rabban Shabur (também no atual Irã), onde aprofundou seus conhecimentos das Sagradas Escrituras e escreveu suas obras. Por causa da intensa leitura, acabou por se tornar cego. Morreu com idade bem avançada e foi enterrado no próprio Mosteiro de Rabban Shabur. Embora não haja segurança sobre datas precisas, Miller (1984, p. lxxviii) assinala que a ordenação de Isaac teria ocorrido quando da presença de Jorge, o Católico, na região do Qatar, em 676 d.C.. Miller (1984, p. lxxiii-lxxiv), no entanto, com base em dados presentes na obra de Isaac, sugere que seus textos teriam sido elaborados por volta de 688, época em que ele já estaria com idade avançada. Para Brock (1986, p. 8), Isaac de Nínive teria falecido em torno do ano 700. Embora não haja consenso sobre a genuinidade de todas as obras que são atribuídas a Isaac de Nínive, considera-se definitivamente genuíno (BROCK, 1987, p. 243; 1999-2000, p. 476) o conjunto de textos que está dividido em duas partes (a *Primeira* compreende 82 capítulos; e a *Segunda*, 42¹), as quais teriam sido unidas após a morte de Isaac.

VIAS DE TRANSMISSÃO DA OBRA DE ISAAC DE NÍNIVE: DO SIRÍACO ÀS LÍNGUAS ROMÂNICAS²

De acordo com Miller (1984, p. lxxvii), os textos em siríaco, língua em que teria sido escrita a obra de Isaac de Nínive, foram transmitidos através de duas diferentes famílias: a oriental e a ocidental. As diferenças entre esses dois ramos, ainda segundo

¹ Como informa Brock (1986, p. 28), dois desses 42 capítulos, no entanto, constituem repetição dos capítulos 54 e 55 (segundo a numeração da edição de Bedjan) da *Primeira Parte*.

² Tentativas de reconstrução da tradição da obra de Isaac de Nínive nas mais diversas línguas podem ser consultadas especialmente em Miller (1984, p. lxxvii-cxii), Bunge (1985, p. 4-7), Cambraia (2000a, p. 21-38; 2002; 2004; 2005a; 2005b; 2007) e Chialà (2002, p. 325-369).

Miller (1984, p. lxxvii), estão fundamentalmente nos fatos de (a) o oriental possuir diversas passagens e oito capítulos que faltam ao ocidental, (b) o ocidental possuir algumas poucas passagens ausentes no oriental e (c) passagens atribuídas a Teodoro da Mopsuestia, Diodoro de Tarso e Evagrio no ramo oriental serem atribuídas, no ocidental, a outros autores.

De algum manuscrito do ramo siríaco ocidental, a obra de Isaac, segundo Miller (1984, p. lxxxv-xciv), teria sido traduzida para o grego em fins do séc. VIII ou princípios do IX por dois monges — Patrikios e Abramios — do Mosteiro de Mar Sabbas, situado perto de Jerusalém.

Para o latim ter-se-ia feito tradução, a partir do grego, segundo Bunge (1985, p. 4), nos sécs. XIII/XIV e provavelmente por obra do franciscano Angelo Clareno (1240-1337). A tradução latina, que se constitui de 28 excertos da *Primeira Parte* (apenas um terço dessa parte, portanto), apresenta-se atualmente preservada por 44 testemunhos manuscritos e 15 edições impressas [incluindo-se aqui suas reimpressões] (CAMBRAIA, 2000a, p. 26-27; 2005a, p. 8-9; CHIALÀ, 2002, p. 355-356).

Provavelmente da tradução latina realizaram-se, já na Idade Média, traduções para diversas línguas românicas: português, espanhol, catalão, francês e italiano³. A tradição portuguesa encontra-se hoje em quatro testemunhos manuscritos (50-2-15, BN-Rio de Janeiro; ALC. 461 e 281, BN-Lisboa; e CXIII/1-40, BP-Évora). A tradição espanhola acha-se em um testemunho manuscrito (II/795, RB-Madri) e em duas edições impressas ([Zaragoza], 1489; e Sevilha, 1497). A tradição catalã está representada por três testemunhos manuscritos (*n.I.16*, Escorial; 5-3-42, BCC-Sevilha; e 148, BU-Barcelona).

³ Também para o romeno se traduziu a obra de Isaac, mas apenas no séc. XVIII e não terá sido a partir do texto latino.

A tradição francesa encontra-se restrita a um testemunho manuscrito (*lat.* 14891, BN-Paris). Por fim, a tradição italiana, a mais numerosa, acha-se representada por 23 testemunhos manuscritos (*plut.* XXVII-15, BML-Florença; *palat.* 47, 48 e 99, BN-Florença; *II-IX* 135, Florença; *ricc.* 1345, 1352, 1384, 1460, 1488, 1489, 1495, 1509, 1713 e 2623, BR-Florença; *canon.* 163 e 271, BL-Oxford; *it.* 2, BU-Pennsylvania; *it.* I 39, I 43, I 63, BM-Veneza; 940, S. Michele; 144, Vicenza) e 4 edições impressas (Veneza, 1500; Florença, 1720; Milão, 1839; e Roma, 1845).

TRADIÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA DO LIVRO DE ISAAC⁴

TESTEMUNHOS

Tem-se até o presente momento notícia da existência de quatro testemunhos manuscritos da tradução medieval português do *Livro do Isaac*: cód. 50-2-15 da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro; cód. ALC 461 da Biblioteca Nacional de Lisboa; cód. CXIII/1-40 da Biblioteca Pública de Évora; e o cód. ALC 281 da Biblioteca Nacional de Lisboa.

CÓD. 50-2-15 DA BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO

a) *Descrição física sumária*: 114 fólios; pergaminho; 211 × 148 mm; cadernos I² II-XII¹⁰ XIII²; reclusos com ornamentação colorida na margem inferior ao centro (fóls. 12v, 22v, 32v, 42v, 52v, 62v, 72v, 82v, 92v e 102v); assinatura na margem superior interna em algarismos romanos de ij a xj (fóls. 13r,

⁴ O presente estudo constitui uma síntese retificada das discussões apresentadas em Cambraia (1998, 2000a, 2000b, 2002, 2003, 2004 e 2005b).

23r, 33r, 43r, 53r, 63r, 73r, 83r, 93r e 103r); folha de guarda inicial e final; foliação moderna em algarismo arábico de 10 em 10, a partir do fólho 10 até o 110, aparecendo também excepcionalmente nos fólhos 92 e 114; mancha 152 × 100 mm em coluna única com 22 linhas; letra gótica redonda em tinta preta; títulos e colofão em tinta vermelha; um punho para todo o códice; ornamentação floral rica colorida em algumas margens; capitulares coloridas (dourado, azul, vermelho, laranja, branco e verde); regramento por perfuração junto à margem exterior com linhas em tinta marrom distantes 6 mm; encadernação em couro marrom 233 × 157 mm, três nervos na lombada e, nos planos superior e inferior respectivamente, duas abotoaduras e dois fechos de metal estragados; no verso da folha de guarda inicial, abaixo, há um carimbo circular em tinta preta com a inscrição "Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro" e, ao lado, encontra-se escrito a lápis "33087 | c" e "1962"; colofão: "EV frey Joham danha pecador e nõ digno % Per graça e ajuda do meu Senhor deus e da sua madre Sancta Maria % e do preceoso sam Jeronímio % escreuy e aluminey este liuro segundo per elle podés bem ueer % Oqual liuro he chamado ysaac" (fól. 114r3-7); conteúdo: *Livro Chamado Isaac* (fóls. 1r-114r).

b) *Datação*: Não consta no códice nenhuma data, mas foram já apresentadas diferentes propostas que oscilam entre princípios do séc. XIV (CAÑO, 1913, p. 129), início do séc. XV (MENEGAZ, 1994, p. 7) ou simplesmente séc. XV (CEPEDA, 1995, p. 134). Cambraia (2003), com base em estudo de fatos lingüísticos do testemunho, sugere que teria sido copiado entre 1435 e 1500 (caso fosse o exemplar do Infante Santo, já existiria em 1437, data em que teria sido registrado em seu testamento). Askins, Faulhaber & Sharrer (2006, p. BITAGAP

MANID 1606) apresentam duas datas, que diriam respeito, ao que parece, ao copista (João Danha): a primeira é 1301-1325 e a segunda é 1401-1450, mas não indicam a justificativa para nenhuma delas.

c) *História*: A referência mais antiga ao códice atualmente na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro parece ser a do Caño (1913, p. 128-129), em que informa que faria parte do acervo da Biblioteca Universitária de Valência e que teria tido como proprietário antes dela o Mosteiro de San Miguel de los Reyes (próximo a Valência). Bem mais tarde, esse códice aparece à venda no catálogo da Livraria Cosmos no Rio de Janeiro (RARIDADES, 1961-62, item 250) e em 1962 é adquirido pela BNRJ. Tendo visitado a exposição *Pergaminhos Iluminados e Documentos Preciosos* realizada pela BNRJ em 1973, Pontes (1978, p. 5) dá notícia do códice, lançando a hipótese de que esse testemunho pudesse ter pertencido a D. Fernando, o Infante Santo (1402-1443), igualmente defendida posteriormente por Menegaz (1994; 2002) e Cambraia (2000a). Anos depois, vem a lume uma edição fac-similar e (semi)diplomática do códice em Menegaz (1994). Segundo Dionísio (2004), antes de ser de propriedade do Mosteiro de San Miguel de los Reyes, o códice teria pertencido a D. Fernando de Aragão (1488-1550), Duque da Calábria e Vice-Rei de Valência (entre 1526 e 1550).

CÓD. ALC 461 DA BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

a) *Descrição física sumária*: 148 fólhos; 58 de pergaminho e 90 de papel (bifólio interno e externo da cada caderno, de pergaminho); 210 × 140 mm; cadernos I¹⁰ II¹¹ III-VIII¹⁰ IX¹¹ X³ XI¹⁰ XII¹² XIII-XV¹⁰; reclamam na margem inferior à direita (fóls. 23v, 34v, 44v, 54v, 64v, 64av, 74v, 84v, 95v, 98v, 121v, 130v e

140v); fólio 99 encontra-se deslocado entre os fól. 108 e 110; foliação original na margem superior direita em algarismo romano a partir de xiiij (com erros⁵, em especial, no fól. 68 [lxviiij], registrado como 58 [lviiij], atrasando desse ponto em diante a numeração em 9; no fól. 127 [cxxvij], numerado repetidamente como [cxxvj], atrasando desse ponto em diante a numeração em ainda mais 1]; e no fól. 149 [cxlx], registrado como 140 [cxlx]), três foliações em algarismos arábicos (primeira, à tinta, apenas em 18 fólitos; segunda, à tinta, em apenas 31; terceira, a lápis, presente em quase todo o códice); folha de guarda inicial e final de coloração amarelada; mancha 135 × 105 mm em coluna única com 25/26 linhas; letra gótica cursiva em tinta preta; títulos e capitulares em tinta vermelha; pelos menos dois punhos (um para tinta preta e outro para rubrica); sem ornamentação; regramento por perfuração no fólio de pergaminho com furo na margem superior à esquerda e à direita com linhas por ponta seca ou grafite; folha de rosto (letra do séc. XVIII): “Tratados Ascéticos / Livro / intitulado = / Do desprezo do mundo = / seu Author / S. Isáac / Syro Presbytero / Vida do Duque Antiocho, que depois / foi Abbade. / Vida de Santa Maria Egipciaca. / Vida de Santa Pelágia. / &^a”; colofão: “Em este livro som os tractados que se seguem. / Primeiramente xij mādamentos que o bispo athanasio deu ao divino anthioco⁶ en a primeira folha. / O

⁵ A numeração dos capítulos no *Livro de Isaac* também apresenta erros: no fól. 31v, o escriba saltou o texto do cap. 9 e atribuiu esse número ao cap. 10, mas, como correção, registrou o cap. 9 em fólio à parte, que, colocado a seguir, foi numerado como cap. 9, sendo corrigido, no fól. 31v, a numeração para cap. 10 — assim, a continuação do texto do fól. 31v está no 33r; no fól. 38v, o cap. 13 foi registrado como 11 atrasando a numeração dos capítulos em 2 desse ponto até o cap. 26, mas o erro foi posteriormente retificado por alteração nos algarismos registrados a partir daquele ponto.

⁶ Uma vez que o códice começa atualmente no fól 14, percebe-se, pelo colofão,

ij^o o livro de Isaac, xij folhas. / O iij^o da acidia e en quantas maneyras homeen peca per ella. Cento ij folhas. / O iiij^o de santo Isidro, de aiunctamente de boas palavras. Ciiij. / O quinto da vjda do duque Anthioco. Cx. / O vj^o da vida de santa maria egiciacha. Cxx. / O vij^o de santa pelagia. Cxxxvj. / Depoys se seguem capitulos, iiij.^o da consciencia outro da oraçom, outro da contemplaçom. O outro quatro he maa [cousa de] converssar com as molheres. / Da vida de huu mõeie que foy grande no paaço do Enperador. Cento xbij." (fól. 140av); conteúdo: *Livro de Isaac* (fóls. 14r-101v); *Da Acídia* (102r-103v); *Tratado de Santo Isidro: Ajuntamento de Bons Ditos e Palavras* (fóls. 103v-108r); *Vida do Duque Antioco* (fóls. 110r-116v); *Vida de um Monge que Foi Grande no Paço do Imperador* (fóls. 117r-119r); *Vida de Santa Maria Egipcíaca* (fóls. 119r-135v); *Vida de Santa Pelágia* (fóls. 135v-146r); *Da Consciência* (fóls. 146v-147r); *Da Oraçom* (fóls. 147r-148r); *Da Contemplaçom* (fóls. 148r-148v); *Quanto É Má Coisa Conversar com as Mulheres* (fóls. 148v-140ar).

b) *Datação*: Azevedo (1913, p. 101) situou o códice, tanto pela letra quanto pela ortografia, no séc. XIV; Nunes (1916, p. 64), com base na linguagem do texto, datou-o como do séc. XIV ou de princípios do séc. XV; Olsen (1984, p. 243-277) propõe segunda metade do séc. XV, fundamentando sua opinião no fato de o códice possuir fólhos de papel, material que, segundo afirma, só teria começado a ser utilizado em Alcobaca naquele

que se perdeu o tratado intitulado *Doze Mandamentos que o Bispo Atanásio deu ao Divino Antioco* (fóls. 1 a 11) e ainda dois fólhos do *Livro de Isaac* (que começaria no fólho 12). Esse tratado perdido seria provavelmente uma versão portuguesa do texto latino presente nos fóls. 59 a 64 do cód. ALC 454 (olim CCLXXXIII), cujo título é, segundo Cepeda *et al.* (1978, p. 42), *De Mandatis Duodecim...ad Antiochum*. A ausência dos 12 primeiros fólhos do códice em questão, como se disse antes, foi apontada já na primeira referência ao códice (a do *Index*), de 1775.

tempo; Askins, Faulhaber & Sharrer (2006, p. BITAGAP MANID 1141) propõem como data de cópia o período de 1475-1500; Anselmo (1926, p. 78) e Martins (1952) falam em fins do séc. XV; e Cepeda (1995, p. 134) fala apenas em séc. XV. Cambraia (2003), com base em estudo de fatos lingüísticos do testemunho, sugere que teria sido copiado entre 1435 e 1500, embora se apresente um pouco menos inovador (logo, mais antigo) do que o cód. 50-2-15 da BNRJ.

c) *História*: A referência mais antiga ao cód. ALC 461 parece ser a feita no Index (1775, p. 119), em que já se assinala a falta de 12 fólhos iniciais, e também no *Commentariorum de Alcobacensi Mstorum Bibliotheca* (BOAVENTURA, 1827, p. 570-571). O primeiro estudo mais detalhado sobre a obra de Isaac nesse códice é apresentado por Martins (1952, p. 153-163). Um estudo mais extenso e aprofundado bem como edição e glossário da obra de Isaac presente nesse códice foram realizados por Cambraia (2000a). Sabe-se que o códice em questão fez parte da biblioteca do Mosteiro cisterciense de Santa Maria de Alcobaça (cota CCLXX) até a extinção das ordens religiosas em Portugal em 1834, tendo passado em seguida para o Arquivo Nacional da Torre do Tombo em Lisboa (cota Ms. da Livraria 771) e, em 1996, para a Biblioteca Nacional de Lisboa (cota ALC 461).

CÓD. CXIII/1-40 DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE ÉVORA

a) *Descrição física sumária*: 45 fólhos; papel; 145 × 100 mm; cadernos I⁶⁺¹ II-IV⁸ V⁶ VI⁸; fólhos em branco 20v, 39v, 40r, 43v e 44r; reclamo eventual na margem inferior ao centro (fóls. 14v, 26r, 30r, 31v, 32v, 34r, 40v); foliação moderna a lápis em algarismos arábicos na margem superior direita; mancha: 95

× 80 em coluna única com 19 linhas; letra gótica redonda em tinta marrom claro; vários punhos; maiúsculas após ponto com detalhes em tinta vermelha; encadernação com pergaminho reaproveitado (partitura musical na face interior); conteúdo [excertos diversos]: *Sermões de Santo Agostinho* (fóls. 1r-7r); *Bençãam da mesa* (fól. 8v); *Mandamentos da Lei de Deus, Artigos da Santa Fé Católica, Obras da Misericórdia Espirituais e Corporais, Virtudes contra Vis Pecados Mortais* (fóls. 9r-11r); *Livro da Cidade de Deus* (fóls. 11v-12v); *Isaac* (fóls. 13r-20r); *Tõons da Antífona* (fóls. 21r-29r); *Arte do Cantochão* (fóls. 29v-35r); [*Diversos*] (fóls. 35v-41r); [*Receita*] *pera Tinta* (fól. 41v); *Provérbios de Salomão* (fól. 41v); *Do Livro dos Santos Padres* (fól. 43r); [*Receita*] *pera Sabam das Barbas* (fóls. 44v-45r).

b) *Datação*: No fól. 44r consta (riscado) “Começei este liuro aos xiiij días de Janeiro hu)a terça feira apos aoytaua da epifanya”. Segundo Martins (1952), a linguagem do *Livro de Isaac* desse códice seria do séc. XV; Cepeda (1995, p. 135) indica apenas séc. XV; Askins, Faulhaber & Sharrer (1999: p. BITAGAP MANID 1141) propuseram a faixa 1450-1500. Cambraia (2003), com base em estudo de fatos lingüísticos do testemunho, propõe que teria sido copiado na 2ª metade do séc. XV, sendo lingüisticamente mais inovador (e, portanto, posterior) do que cód. ALC 461. Mais recentemente Askins, Faulhaber & Sharrer (2006, p. BITAGAP MANID 1141) mudaram sua proposta para 14-01-1494 a 01-1497, baseando-se na frase do fól. 44r. Como a data do fólio em questão indica um dia 14 de janeiro que terá sido terça-feira, têm-se, na verdade, como anos possíveis para a segunda metade do séc. XV: 1449-55-66-72-77-83-94.

c) *História*: A referência mais antiga ao códice CXIII/1-40 parece ser a de Rivara *et al.* (1871, p. 40). Martins (1952) inclui-

o em na sua discussão sobre a tradição da obra de Isaac em língua portuguesa. Um estudo mais extenso e aprofundado bem como edição da obra de Isaac presente nesse códice foram realizados por Cambraia (2000a, p. 706-737).

CÓD. ALC 281 DA BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

a) *Descrição física sumária*⁷⁷: 42 fólios; pergaminho; 263 × 180 mm; cadernos I-V⁸ VI²; reclusos; mancha 197 × 126 em duas colunas com 41 linhas cada; letra gótica; dois punhos (1º: fól. 1r-16v; 2º: 17r-42v); foliação moderna em algarismo arábico; folhas de guarda inicial (primeira, papel; duas seguintes, pergaminho) e final (penúltima, pergaminho; última, papel); conteúdo: *Regule Sancti Benedicti Abbatis* (fóls. 1r-14v) e *Liber Usum — Consuetudines* (fóls. 15r-42v) [obs: o texto com a obra de Isaac está nas três referidas folhas de guarda em pergaminho, coluna única, aprox. 32 linhas, letra gótica cursiva, 1 punho].

b) *Datação*: Amos (1988-1990-v. II, p. 223) situou o códice na segunda metade do séc. XIII. No fól 44v, consta, por punho distinto dos do códice: “Jtam litteram scripsit frater martinus de aliubarota cum esset magister nouiciorum. Anno dómíni. Mº. iiij^c. xº. Mensis iunij die xxvij^u” [= 27/06/1410] (há também notas de punhos de outras épocas).

c) *História*: A referência mais antiga ao cód. ALC 281 parece ser a feita no Index (1775, p.154). Sabe-se que o códice em questão

⁷⁷ Segundo Askins, Faulhaber & Sharrer (2006, p. BITAGAP MANID 3967), a identificação da presença de fólios com a obra de Isaac no códice se deu pela equipe portuguesa do BITAGAP em 25/06/2005. Agradece-se gentilmente à Dra. Isabel Cepeda pela obtenção junto à BNRJ e pelo envio de fotocópia dos fólios com a obra de Isaac do cód. ALC 281 em março de 2006.

fez parte da biblioteca do Mosteiro cisterciense de Santa Maria de Alcobaça (cota CCCXXX) até a extinção das ordens religiosas em Portugal em 1834, tendo passado em seguida para a Biblioteca Nacional de Lisboa (cota ALC 281).

RELAÇÃO ENTRE OS TESTEMUNHOS

Embora sejam apenas quatro os testemunhos conhecidos com a tradução portuguesa do *Livro de Isaac*, sabe-se da existência de um outro testemunho lavrado em Portugal com a mesma obra mas em latim: trata-se do cód. ALC 387 da BNL. Considerando que esse testemunho em latim pode contribuir para a compreensão da relação genética entre os testemunhos em língua portuguesa, também ele será levado em conta na análise que se apresenta a seguir.

Em nome da praticidade, adotam-se aqui as seguintes siglas (baseadas na inicial da língua e da cidade) para os cinco testemunhos em questão: PR = cód. 50-2-15, BNRJ; PL = cód. ALC 461, BNL; PE = cód. CXIII/1-40, BPE; PL₂ = cód. ALC 281 da BNL; e LL = cód. ALC 387, BNL.

Primeiramente, cabe fazer uma nota no que diz respeito à integralidade do *Livro de Isaac* nos testemunhos em estudo: PR é o único que possui prólogo, índice e todos os 48 capítulos; PL está mutilado e começa já no meio do cap. 3; PE compõe-se, na verdade, de 37 excertos extraídos dos caps. 3, 4, 5, 6, 10, 11, 13, 14, 16, 19, 21, 25, 26 e 29 (os excertos que aparecem fora da ordem crescente são os dois trechos relativos ao cap. 19 e o primeiro relativo ao cap. 21, que se localizam entre os trechos dos caps. 4 e 5); PL₂ possui apenas o capítulo 48 (o último); e LL, com divisão distinta em 43 capítulos, não possui a seção que corresponde ao cap. 33 da tradução portuguesa (que ficaria entre os caps. 29 e 30 de sua divisão distinta).

a) *LL* não foi a fonte para *PR* e *PL*

Esta constatação baseia-se no já mencionado fato de que o cap. 33 dos testemunhos com a tradução portuguesa (*PR*, fols. 87v-88r; *PL*, fols. 76r-76v) não tem correspondente no testemunho latino *LL* (cf. fól. 110v). Como este capítulo constitui texto genuíno⁸⁸ (cf. cap. 38 em Wensinck (1969, 194 p. 195)), deve-se admitir que *LL*, lacunoso nesse aspecto, não terá servido de fonte para a tradução portuguesa representada por *PR* e *PL*, não-lacunosos nesse ponto.

b) *PR* e *PL* não são cópias de *PE*

Este fato é bastante óbvio e não exige muita explicação: sendo *PE* apenas um conjunto de excertos da tradução portuguesa, não poderia ter servido de modelo para *PR* e *PL*, que possuem o texto integral da tradução portuguesa (provavelmente *PL* terá possuído o texto integral se não fosse a mutilação, mas não há evidência de que terá possuído também o prólogo e o índice). Embora cada um destes dois últimos apresente lacunas próprias (como se demonstrará mais adiante), os excertos do *Livro de Isaac* de *PE* estão todos igualmente presentes em *PR* e *PL* (*PE* não têm correspondência em *PL*₂ porque este apresenta apenas parte do cap. 48, do qual aquele não possui excerto).

⁸⁸ A atribuição da genuinidade dos capítulos e excertos do *Livro de Isaac* em português realizada neste trabalho foi feita, em primeiro lugar, com base em sua existência na tradução do texto siríaco do ramo oriental de Isaac realizada para o inglês por Wensinck (1969); em segundo lugar, com base na tradução do texto siríaco ocidental em confronto com o grego realizada também para o inglês por Miller (1984); e, por fim, com base nos testemunhos latinos a que se teve acesso e são aqui oportunamente identificados.

c) *PR* e *PL* derivam de uma mesma tradução portuguesa

Esta constatação baseia-se no fato de haver um erro conjuntivo entre *PR* e *PL*: os capítulos 20 e 47 do texto português constituem repetições de um mesmo capítulo da tradição oriental em siríaco (cf. cap. 10 em Wensinck (1969, p. 78-80)) e também de *LL* (cf. parte final do seu cap. 42, fól. 115r4 a 115r40). A transcrição de trecho correspondente dos dois capítulos de *PR* há de evidenciar a repetição (para facilitar a associação entre duas versões de *PR*, reproduz-se abaixo também o trecho correspondente de *LL*):

Excerto 1

FFide diffinivuit Deus omnimodum timorem in omnibus scripturis et ostendit odiosum sibi esse peccatum. Qua igitur de causa submersa est generatio in diebus Noe per diluvium? Nonne per luxuriam cum exarserunt in turpitudinem filiarum Caym. (*LL*, cap. 42, fól.115r8-10)

E certamente podemos saber e entender polas santas scripturas como nos Deus há ensinado que cousa é temor e nos há demonstrado como lhe é muinto avor<r>ecível todo pecado pola qual razom pereceu em no tempo de Noé toda a geeraçom por o delúvio. Certo é que por o pecado da luxúria quando os homens se esquentaram e olvidaram o temor de Deus por a fremosura das filhas de Caí (*PR*, cap. 20, fól. 62r16-23)

As escripturas declarom e dizem que devemos temer a Deus e demostram o pecado seer muito odioso e avor<r>ecível a Deus. Qual foi a causa e razom por que toda a geeraçom em os dias de Noé per delúvio foi destroída? Por certo have que foi luxúria porque o poboo torpemente fornicarom com as filhas de Caim (*PR*, cap. 47, fól. 112r13-18)

É interessante notar que em *LL* o capítulo em questão ocorre apenas uma vez: aparece como a parte final do seu cap. 42. Isso

induziria a que se pensasse que o erro na tradução portuguesa estaria na sua existência como cap. 20, pois sua presença como cap. 47 seria correta já que é compatível com a posição em *LL*, ou seja, no final da obra. O problema para essa hipótese é que, na tradição em siríaco oriental (cf. cap. 10 em Wensinck (1969, p. 78-80)) e ocidental (cf. cap. 10 em Miller (1984, p. 74-76)), o trecho ocorre em um ponto do texto que corresponde ao cap. 20 da tradição portuguesa, isto é, o trecho como cap. 20 está em sintonia com a ordem da tradição em siríaco mas como cap. 47 está em sintonia com a ordem da tradição latina representada por *LL*!

A conclusão que se pode tirar é que naturalmente a posição do capítulo em questão em *LL* (no final da obra) é a não-genuína — confirmam a não-genuinidade dessa localização no final da obra de Isaac o testemunho latino impresso em Barcelona em 1497 (cf. cap. 14, fól. lxxix-v a lxxxij-r) e o publicado em Veneza em 1506 (cf. cap. 35, fól. D3v a D4v), pois em ambos o capítulo em questão aparece na ordem da tradição siríaca.

Duas hipóteses podem ser aventadas para explicar o deslocamento do referido capítulo em *LL*: salto na cópia (o deslocamento seria uma tentativa de inserir o que tinha sido saltado) ou desmembramento do códice que serviu como fonte (e, nesse segundo caso, a falha pode ter ocorrido porque o códice desmembrado foi passado fora de ordem para o copista; ou ainda porque, depois de desmembrado e recomposto, foi encadernado fora da ordem). O fato de a repetição do capítulo mencionado estar presente tanto em *PR* quanto em *PL* sugere que o problema já estaria, pelo menos, no códice que lhes serviu de fonte.

Para localização da tradição em que a repetição teve início (já na latina ou apenas a partir da portuguesa), pode-se pensar em duas hipóteses: terá começado na latina se, por

exemplo, o copista do testemunho em latim que serviu de fonte para a tradução portuguesa tiver utilizado duas fontes latinas – uma com o capítulo na ordem genuína e outro com o capítulo no final da obra – transcrevendo-o na ordem genuína por causa da primeira fonte e repetindo-o no final por causa da segunda fonte (se a cópia tiver sido feita por dois copistas, um nem saberia que o outro já teria copiado aquele capítulo antes); racionício análogo pode ser utilizado para colocar o início da repetição na tradição portuguesa, pois, em vez de um copista ter consultado dois testemunhos latinos, o tradutor seria quem o teria feito (embora seja estranho que não tenha percebido que estava traduzindo pela segunda vez o mesmo texto...).

Há, entretanto, um fato ainda mais intrigante relacionado à referida repetição de capítulo. É justamente a segunda versão dele que, em *PR*, aparece com um outro deslocamento: a segunda versão, sob o rótulo de cap. 47 (fóls. 111v-114r), aparece transcrita em *PR* depois do cap. 48 (em *PL*, porém, aparece no devido lugar estabelecido pela sua numeração, ou seja, após o cap. 46 (fóls. 96r10 a 97v19)). O próprio copista (ou um revisor) de *PR* se deu conta do erro e adotou um sistema de referência para informar o problema ao leitor: há um *.b.* na margem externa junto ao título do cap. 48 (fól. 108v) e um *.a.* na margem externa junto ao título do cap. 47 (fól. 111v), mostrando, assim, qual seria a ordem considerada correta. Esse equívoco poderia estar demonstrando que o copista de *PR* teria reproduzido um erro (colocação do cap. 47 após o cap. 48) que já estaria na sua fonte, enquanto o copista de *PL* teria implementado a correção colocando o capítulo em questão na ordem sugerido pelo títulos (47 antes do 48).

As hipóteses são muitas e os dados disponíveis ainda não parecem ser suficientes para determinar a hipótese mais segura. Uma pesquisa futura especificamente sobre a tradição latina poderá contribuir para esclarecer a questão.

d) *PR* não é cópia de *PL*

Esta constatação decorre da identificação de diversos trechos genuínos presentes *LL* e em *PR* mas ausentes em *PL*. Bastará aqui apresentar um exemplo⁹ desses erros separativos de *PL* contra *PR* (cf. cap. 5 em Wensinck (1969: 53)):

Excerto 2

Et qui propter Deum fit nudus, stola incorruptionis et glorie inductur ab Illo. (<i>LL</i> , cap. 6, fól. 100r4-5)
E aquel que é núu por Jesu Cristo, Ele o visitará de vistiduras de glória. (<i>PR</i> , cap. 6, fól. 24v6-7)
∅ (<i>PL</i> , cap. 6, fól. 28r13)

e) *PL* não é cópia de *PR*

Sustenta esta constatação o fato de haver vários pontos em que *LL* e *PL* apresentam o texto genuíno mas em *PR* há lacuna. Novamente apenas um exemplo será apresentado desses erros separativos de *PR* contra *PL* (cf. cap. 45 em Wensinck (1969, p. 218)):

⁹ Fez-se regularização gráfica das transcrições para facilitar a leitura e se evidenciar o que realmente importa nos excertos.

Excerto 3

In congregatione et multitudine virgo maculatur. (*LL*, cap. 42, fól. 114r24-25)

∅ (*PR*, cap. 46, fól. 104v18-19)

Em a multidom e congregaçom das gentes a virgem é facta corrupta. (*PL*, cap. 46, fól. 92v16-17)

f) *PR* não é cópia de *PL*₂

Assim como se pôde verificar que *PL* não é cópia de *PR* (pois há neste lacunas de trechos genuínos presentes naquele – cf. item (d) acima), também *PL*₂ não pode ser cópia de *PR* pela mesma razão. Confira-se o trecho abaixo:

Excerto 4

Pal<l>or enim cum humilitate et macies in facie decus est mochachi. (*LL*, cap. 43, fól. 115v 43-44)

∅ (*PR*, fól. 111v15)

A honra do monge é seer magro em sua face amarelo e com esto todavia <haver> humildade. (*PL*, cap. 48, fól. 97v19-20)

A honra do monge é seer magro em sua face amarelo e com esto todavia humildoso. (*PL*₂, fól. 3r25-27)

Primeiramente, é interessante dizer que esse trecho constitui uma seção que não consta na tradição oriental (cf.

Wensinck (1969, p. 87)) nem ocidental (cf. Miller (1984, p. 95)) do texto em siríaco, mas aparece no testemunho latino de Portugal (citado na transcrição acima) e ainda no testemunho latino impresso em Veneza no ano de 1506 (cf. fól. F7v, col. b, ls. 3-5) – esse trecho faz parte de uma seção que, como sugerido em Cambraia (2005a, p. 12), seria uma interpolação, a qual não se difundiu por todas as tradições de forma igual, pois, mesmo na latina, há testemunhos que a apresentam (como *LL* e o impresso de Veneza), mas também existem aqueles que não a possuem (como a edição latina impressa em Barcelona em 1497 e ainda a edição da *Patrologia* de Migne publicada em 1865).

Ainda que não remonte à tradição siríaca, essa interpolação aparece de qualquer maneira nas tradições latina e portuguesa, o que significa que deveria estar presente também em *PR* — aliás, a parte inicial da seção interpolada aparece efetivamente em *PR* (fóls. 111r20 a 111v19), mas não o pequeno trecho aqui indicado. Como o trecho em questão não está em *PR*, mas está em *PL*₂, este não pode ter sido derivado daquele.

g) *PL*₂ não é cópia de *PR*

Embora *PL*₂ seja atualmente apenas um fragmento, pode-se aventar a hipótese de que tenha sido uma cópia integral do *Livro de Isaac*. Levando em conta essa hipótese e fazendo uma comparação da parte supérstite de *PL*₂ com *PR*, verifica-se trecho genuíno presente em *PL*₂, mas ausente de *PR* — veja-se o exemplo abaixo (cf. cap. 17 em Miller (1984, p. 95)¹⁰)

¹⁰ Este trecho não existe na tradição oriental (cf. Wensinck (1969, p. 86-87)) do texto siríaco, apenas da ocidental em diante.

¹¹ O copista de *LL* leu como *cooperari* (“ocupar-se de”) onde estaria *cooperire* (“cobrir”).

¹² O copista de *PR* escreveu *laças* por *laços*.

Excerto 5

Melius est tibi habitare cum dracone quam dormire cum aliquo, et cooperari¹¹ cum eo, quamvis sit tibi frater secundum carnem. (*LL*, cap. 43, fól. 115v25-26)

Melhor e mais proveitoso seeria a ti morar com o dragom que dormir com nem ũum homem soos em ũum leito, nem te cobrir com ele ainda que fose teu irmao carnal. (*PR*, cap. 48, fól. 100v, ls. 9-11)

∅ (*PL*, cap. 48, fól. 96v21)

∅ (*PL*₂, fól. 3v14)

h) *PL* não é cópia de *PL*₂

Embora não haja no curto fragmento de *PL*₂ dados tão significativos como lacunas para demonstrar que esse testemunho não teria dado origem a *PL*, há alguns pontos de divergência em trechos genuínos que apontam para essa hipótese — confirmam-se os dados abaixo (cf. cap. 17 em Miller (1984, p. 94 e 95)):

Excerto 6

A monialibus fuge, sicut ab igne et laqueo diaboli. (*LL*, cap. 43, fól. 115v18-19)

Fúgi das monjas assi como do fogo e dos laças¹² do diaboo. (*PR*, cap. 48, fól. 110r13-14)

Fuge das monjas assi como do fogo e dos laços do diaboo. (*PL*, cap. 48, fól. 96v6-7)

Fuge das monjas e molheres de ordem asi como do fogo e dos laços do diaboo. (*PL₂*, fól. 2r32-2v1)

Excerto 7

Despice teipsum, et alios non despicias. (*LL*, cap. 43, fól. 115v28)

ø (*PR*, cap. 48, fól. 100v18)

A ti mesmo despreza, e nom outro nem ãum. (*PL*, cap. 48, fól. 97r1)

A ti, mesquinho, despreza, e nom outro nem ãum. (*PL₂*, fól. 2v19-20)

No excerto 6, percebe-se que *PL₂* apresenta “monjas e molheres de ordem” enquanto *PR* e *PL* possuem apenas “monjas” (tal como no texto latino, em que está “monialibus”): seria estranho que o copista de *PL* lesse a seqüência de *PL₂* e retirasse a segunda parte, fazendo com que o texto passasse a coincidir justamente com o texto genuíno (em que há apenas a primeira parte). Deve-se então admitir que *PL* tem a forma genuína porque não teve *PL₂* como fonte.

No excerto 7, vê-se que *PL₂* possui a forma “mesquinho” enquanto consta em *PL* “mesmo” (como no texto latino, em que há “ipsum”): novamente *PL* só pode ter a forma genuína justamente porque seu modelo não foi *PL₂*.

i) *PL*₂ não é cópia de *PL*

Embora o texto de *PL*₂ seja muito curto e muito próximo a *PL*, há algumas pequenas divergências que apontam para o fato de este não ter sido fonte para aquele — confirmam-se nos dados abaixo um exemplo (cf. cap. 17 em Miller (1984, p. 95)):

Excerto 10

Ne habites cum superbo, ut nom sancti spiritus auferatur operatio ab anima tua, et efficiaris habitaculum omnium viciorum. (*LL*, cap. 43, fól. 115v35-36)

Nom queiras morar nem conversar com homem sobervoso, por tal que nom seja tirada aa tua alma a graça do Spíritu Sancto e que sejas¹³ fecto morada de todas malícias e pecados. (*PR*, fól. 111r113-16)

Nom mores nem acompanhes com o sobervo, nem a obra do Spíritu Sancto se parta da tua alma e sejas fecto templo e morada dos vícios e pecados. (*PL*, cap. 48, fól.100r22-25)

Nom mores nem acompanhes com o sobervo, por que a obra do Spíritu Sancto nom se departa da tua alma e sejas fecto templo e morada dos vícios e pecados. (*PL*₂, fól.3r5-8)

¹³ Está na entrelinha o <s> final.

Pode-se verificar que a idéia de finalidade aparece de forma explícita em *PR* através da locução “por tal que”¹⁴ (compatível com a conjunção final latina “ut” em *LL*) e através da variante “por que” em *PL*₂, mas em *PL* fica no mínimo subentendida pelo contexto e talvez expressa palidamente através do uso de conjunção coordenativa (“nem”) e de subjuntivo (“parta”). A presença da locução de forma explícita tanto em *PR* quanto em *PL*₂ sugere que este derive de um modelo em que ela existisse e que, portanto, não terá sido *PL*.

j) *PL*₂ pertence ao mesmo ramo que *PL*

Percebe-se que *PL*₂ pertence ao mesmo ramo de *PL* em função de certas divergências (comuns a ambos) que mostram um afastamento em relação às formas da tradição genuína — analisem-se os dados abaixo (cf. cap 17 em Miller (1984, p. 93)):

Excerto 8

Et ordinate pone mensam non turbulente (*LL*, cap. 43, fol. 115v7)

e poem ordenadamente tua mesa e sem turbaçom (*PR*, cap. 48, fól 109v2-3)

Poem tua mesa ordenadamente e com voontade leda (*PL*, cap. 48, fól. 99r1-2)

Poem tua mesa ordenadamente e com voontade leda (*PL*₂, fól. 2r6-7)

¹⁴ Uma das diferenças lingüísticas entre *PR* e *PL* é a preferência pela locução “por que” neste e “por tal que” naquele (diferença que ocorre 9 vezes e sugere ser caso de variantes com mesmo sentido) mas não há nenhum caso de “nem” em *PL* que corresponda a “por tal que” em *PR*: isso mostra que a forma “nem” nesse excerto seria na verdade uma distorção, pois a idéia de finalidade acabou ficando quase completamente apagada.

No excerto 8, vê-se a presença da expressão “sem turbaçom” em *PR* (em perfeita sintonia com “non turbulente” de *LL*), mas tanto em *PL* quanto em *PL*₂ aparece a seqüência “com voontade leda”. Considerando que esta última constitui um afastamento bastante singular em termos de escolha lexical e semântica, só se pode admitir sua presença em *PL* e *PL*₂ decorra de pertencerem a um mesmo ramo, apresentando assim uma maior afinidade genética.

1) *PE* pertence ao mesmo ramo que *PL*

Também em relação a *PE* e *PL*, nota-se uma proximidade genética, pois há em ambos casos semelhantes de divergência conjunta em relação à forma genuína da tradição — vejam-se os dados a seguir (cf. cap. 35 em Wensinck (1969, p.158) e cap. 37 em Miller (1984, p.169-170)):

Excerto 9

quia multas vires acquirunt vicia de propinquitate ipsorum laxantium et alterantium athlete sapientiam et propositum eius (*LL*, cap. 11, fol. 102v43-44)

qua esto move o servo de Deus a muitas batalhas de pensamentos viciosos e vãos e o deitam fora da sua sabedoria e boo prepósito (*PR*, cap. 13, fól 40v2-4)

porque esto move o servo de Deus a muitas batalhas e a pensamentos viciosos e vãos e o deitam fora de seu desejo e boo prepósito (*PL*, cap. 13. fól. 42r17-19)

porque esto move o servo de Deus a muitas batalhas e a pensamentos viciosos e vãos e o deitam fora de seu desejo e bõom prepósito (*PE*, fól. 15v1-4)

No excerto acima, verifica-se que em *PR* consta “sabedoria” (forma bastante fiel ao termo latino “sapientiam” de *LL*), mas em *PL* e *PE* a forma correspondente é “desejo”. Novamente pode-se argumentar que o afastamento que a forma de *PL* e *PE* representa constitui uma prova de ambos pertencerem ao mesmo ramo da tradição portuguesa.

m) *PE* é cópia de *PL*

A relação entre *PE* e *PL* não parece ser tão evidente como nos casos acima citados: por ser um pequeno conjunto de excertos, não há muito texto para ser comparado. Em uma análise exaustiva das diferenças do texto comum a *PR*, *PL* e *PE*, Cambraia (2000b) identificou 314 pontos de divergências segundo quatro tipos diferentes de concordância/discordância entre os testemunhos, levando em conta variações fonológicas (F), morfológicas (M), sintáticas (S) e lexicais/textuais (L/T) — veja-se abaixo a tabela com a síntese dessa análise:

Tabela 1 - Concordância/discordância entre *PR*, *PL* e *PE*

TIPO DE VARIACÃO	TIPO DE RELAÇÃO				TOTAL
	<i>PR</i> ≠ <i>PL</i> = <i>PE</i>	<i>PR</i> = <i>PL</i> ≠ <i>PE</i>	<i>PR</i> = <i>PE</i> ≠ <i>PL</i>	<i>PR</i> ≠ <i>PL</i> ≠ <i>PE</i>	
F	34	43	33	5	115
M	8	-	-	-	8
S	22	4	-	1	27
L/T	130	28	2	4	164
TOTAL	194 (61,8 %)	75 (23,9 %)	35 (11,1 %)	10 (3,2 %)	314 (100 %)

Uma primeira conclusão que se pode extrair dessa tabela é a grande proximidade entre *PL* e *PE* (61,8 % de coincidência entre esses testemunhos, com prevalência notável no caso das variações lexicais/textuais – as mais

significativas), confirmando assim o que se disse na seção (I) acima: *PE* pertence ao mesmo ramo de *PL* (mas não significa necessariamente que *PE* seja cópia de *PL*).

Uma segunda conclusão a que se pode chegar é a de que as variantes fonológicas não são um critério seguro para sustentar qualquer análise, já que sua distribuição entre os tipos de relação é bastante parecida (34 casos de $PR \neq PL = PE$, 43 casos de $PR = PL \neq PE$ e 33 casos de $PR = PE \neq PL$). Além disso, a determinação de qual variante fonológica seria a genuína é bastante difícil em função de variações dialetais da época.

Para testar a hipótese de que *PE* seja cópia de *PL*, deve-se verificar a existência de erros separativos de *PL* contra *PE* ou de erros conjuntivos apenas entre *PR* e *PE* (CAMBRAIA, 2005c). No primeiro caso, havendo o erro (separativo) em *PL* e a forma genuína em *PE*, este não poderia ter derivado daquele; no segundo caso, havendo erro (conjuntivo) em *PR* e *PE* e a forma genuína em *PL*, este não poderia ter dado origem a *PE* (embora o copista de *PE* possa ter errado isoladamente, não erraria no mesmo lugar e da mesma forma que o copista de *PR*: a coincidência de erro nesse caso, em tese, decorreria de relação genética entre eles).

Infelizmente, nenhuma das variações teoricamente pertinentes para avaliar essa questão entre *PE* e *PL* (pertencentes às relações $PR = PL \neq PE$ e $PR = PE \neq PL$) se mostrou significativa. Não são significativas por várias razões:

i) certas variações em *PE* constituem inovações lingüísticas, indicando ser sua forma a não-genuína (cf., p. ex., caso de inovação lexical em *PE* — LL: “sede”; *PR*: “sei”, *PL*: “sei”, *PE*: “está”);

ii) certas variações em *PE* constituem inovações textuais, indicando ser sua forma a não-genuína (cf., p. ex., a interpolação

“gloriosa” em *PE* — *LL*: “in gloria Tua”; *PR*: “a Tua santa glória”, *PL*: “a Tua sancta glória”, *PE*: “a Tua sancta gloriosa glória”);

iii) certas variações em *PL* (que serviriam de erros separativos) são erros óbvios (cf., p. ex., repetição de “diz” em *PL* — *LL*: “Et Sapientia dicit”, *PR*: “E diz no Livro da Sabedoria”, *PL*: “E diz no Livro da Sabedoria diz”, *PE*: “E diz no Livro da Sabedoria”);

iv) certas variações lingüísticas são comuns no período medieval e o texto latino não é capaz de indicar a forma genuína (cf., p. ex., variação na presença de artigo — *LL*: “justitiam suam”, *PR*: “o seu juízo”, *PL* “o seu juízo”, *PE* “seu juízo”);

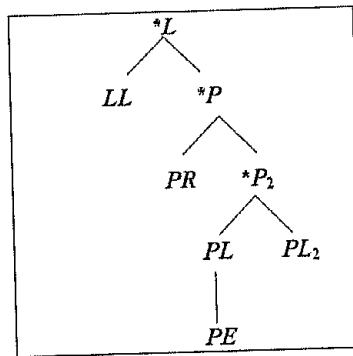
v) diversas variações constituem, na sua maioria absoluta, casos de lacuna em *PE*, o que, mesmo coincidindo com lacuna em *LL*, não pode ser interpretado como sinal de genuinidade e, portanto, independência de *PE* em relação a *PL*, pois *PE* é uma antologia de excertos e, por sua própria natureza, é lacunoso (cf., p. ex., ausência de par sinônimo em *LL* e *PE* — *LL*: “repellit”, *PR*: “empuxa e lança fora de si”, *PL*: “empuxa e lança fora de si”, *PR*: “empuxa de si”; variação na presença de conjunção coordenativa — *LL*: “Justus”, *PR*: “E o justo”, *PL*: “E o justo”, *PR*: “O justo”).

Como se vê, não parece haver evidência textual segura de que *PE* não seja cópia de *PL*, pois não se identificaram erros separativos de *PL* contra *PE* nem erros conjuntivos de *PR* e *PE* contra *PL*. A ausência de prova de que *PE* não seja cópia de *PL* não significa a rigor que se tenha provado que *PE* é, por consequência, cópia de *PL*. Entretanto, comparando as divergências, por um lado, entre *PL* e *PL*₂ e, por outro lado, entre *PL* e *PE*, verifica-se que a natureza das divergências entre *PL* e *PL*₂ é mais substantiva (cf., p. ex., excertos 6 e 7 acima) do que entre *PL* e *PE*, sugerindo, assim, que o grau notável de semelhança entre *PL* e *PE* (verificável pelos dados da tabela 1 acima) teria como origem o fato de *PE* ser cópia de *PL*: se *PE*

e *PL* fossem cópias paralelas de um mesmo dado testemunho, seriam de se esperar divergências mais substativas do que as que se encontraram. Enfim, ainda que não haja evidências irrefutáveis para a filiação de *PE* a *PL*, considera-se essa aqui como a mais provável.

CONCLUSÃO

Com base na discussão apresentada no presente estudo, pode-se propor para a tradição em língua portuguesa do *Livro de Isaac* o estema que a seguir se apresenta:



O presente estema representa as seguintes constatações aqui apuradas: (a) *LL* não foi a fonte para *PR* e *PL*; (b) *PR* e *PL* não são cópias de *PE*; (c) *PR* e *PL* derivam de uma mesma tradução portuguesa; (d) *PR* não é cópia de *PL*, (e) *PL* não é cópia de *PR*; (f) *PR* não é cópia de *PL₂*; (g) *PL₂* não é cópia de *PR*; (h) *PL* não é cópia de *PL₂*; (i) *PL₂* não é cópia de *PL*; (j) *PL₂* pertence ao mesmo ramo que *PL*; (l) *PE* pertence ao mesmo ramo que *PL*; e (m) *PE* é cópia de *PL*. Em função do fato (a), é necessário postular a existência **L* (testemunho em latim ainda não identificado que foi fonte para *LL* e para a tradução

portuguesa); por causa dos fatos (c), (d), (e), (j) e (l), necessita-se admitir a existência de *P (testemunho não-identificado em que foi lavrada pela primeira vez a tradução portuguesa); em vista dos fatos (f), (g), (h), (i) e (j), deve-se postular a existência de *P₂ (testemunho em português que serviu de fonte para PL e PL₂).

Em se tratando de tradições de manuscritos medievais, devem-se sempre considerar as propostas de estema como provisórias, já que não raramente se fazem descobertas que obrigam à revisão do que se propôs. Outra ponderação igualmente importante é a de que a presente proposta parte do pressuposto de que a transmissão foi apenas vertical (uma fonte apenas para cada cópia), mas deve-se sempre deixar aberta a possibilidade de que tenha havido transmissão horizontal (mais de uma fonte, em latim e/ou em português, para uma cópia).

Resumé: *Dans le présent travail on examine la tradition en langue portugaise du Livre de Isaac, préservé actuellement en quatre manuscrits médiévaux. Dans cette étude, on présente un stemma représentant la relation génétique entre ces manuscrits, en fixant, alors, la base pour la réalisation d'une édition critique de cette oeuvre.*

REFERÊNCIAS

- AMOS, T. L. *The Fundo Alcobaca of the Biblioteca Nacional, Lisbon*. Collegeville (Minnesota): Hill Monastic Manuscript Library, 1988-1990. 3 vols.
- ANSELMO, A. J. Os códices alcobacenses da Biblioteca Nacional. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1926.
- ASKINS, A. L-F., FAULHABER, C. B. & SHARRER, H. L. (Eds.) *PhiloBiblon*; electronic bibliographies of medieval catalan, galician, portuguese, and spanish texts. Berkeley, 1999. [Disponível em <http://sunsite.berkeley.edu/PhiloBiblon>; acesso em 30 de novembro de 1999]
- ASKINS, A. L-F., FAULHABER, C. B. & SHARRER, H. L. (Eds.) *PhiloBiblon*; electronic bibliographies of medieval catalan, galician, portuguese, and spanish texts. Berkeley, 2006. [Disponível em <http://sunsite.berkeley.edu/PhiloBiblon>; acesso em 26 de dezembro de 2006]
- AZEVEDO, Pedro de. Duas traduções portuguesas do sec. XIV. *Revista Lusitana*, Lisboa, t. XVI, p. 101-111, 1913.
- BOAVENTURA, Fr. F. de São. *Commentariorum de alcobacensi mstorum bibliotheca - Libri tres*. Coimbra: Typographia Academico-Regia, 1827.
- BROCK, S. St. Isaac of Nineveh. *The Assyrian*, London, v. 3, n. 6, p. 8-9, 1986.
- BROCK, S. (Tr.) *The syriac fathers on prayer and the spiritual life*. Kalamazoo, Mich.: Cistercian Publications Inc., 1987.
- BROCK, S. From Qatar to Tokyo, by way of Mar Saba: the translations of Isaac of Beth Qatraye (Isaac the Syrian). *Aram*, Oxford, v. 11-12, p. 475-484, 1999-2000.
- BUNGE, G. Mar Isaak von Ninive und sein 'Buch der Gnade'.

Ostkirchliche Studien, Würzburg, v. 34, n. 1, p. 3-22, 1985.

CAMBRAIA, C. N. *Livro de Isaac*: subsídios para o estabelecimento do stemma codicum das versões medievais portuguesas. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, I, São Gonçalo, 10-14 novembro 1997. *Anais....* Rio de Janeiro/São Gonçalo : Dialogarts/CIFEFIL, 1998. p. 109-124.

_____. *Livro de Isaac: edição e glossário (cód. ALC. 461)*. São Paulo: FFLCH-USP, 2000a. (Tese, Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa).

_____. *Livro de Isaac*: estudo da relação entre as versões medievais portuguesas. Évora, 2000b. (Comunicação apresentada no *Congresso Internacional 500 Anos da Língua Portuguesa no Brasil*, na Universidade de Évora, em Évora (Portugal), no período de 8 a 13 de maio de 2000).

_____. A difusão da obra de Isaac de Nínive em línguas ibero-românicas: breve notícia das tradições portuguesa, espanhola e catalã. In: RAVETTI, G & ARBEX, M. (Org.). *Performance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais*. Belo Horizonte: Departamento de Letras Românicas/Faculdade de Letras/UFMG-PósLit, 2002. p. 293-315.

_____. Reconstruindo a tradição medieval portuguesa do *Livro de Isaac*: estudo lingüístico comparativo das versões existentes. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA ROMÁNICA, 23, Salamanca 24-30 setembro 2001. *Actas...* Tübingen : Max Niemeyer, 2003. Vol. IV, p. 53-67.

_____. *Tradição portuguesa do Livro de Isaac*. Belo Horizonte, 2004. (Comunicação apresentada no *II Seminário de Crítica Textual*, na Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, no período de 07 a 08 de outubro de 2004).

_____. Contributo ao estudo da tradição latina do *Livro de Isaac*: o cód. ALC 387 da Biblioteca Nacional de Lisboa. *Scripta Philologica*, Feira de Santana, v. 1, p. 1-10, 2005a.

_____. *Livro de Isaac: edição crítica da tradução medieval portuguesa*. Belo Horizonte: Núcleo de Estudos de Crítica Textual da Faculdade de Letras da UFMG, 2005b.

_____. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005c.

_____. *Tradição em língua espanhola do Livro de Isaac*. Lisboa, 2007. (Comunicação apresentada no *II Congresso Virtual: Edição de Texto*, na Universidade de Lisboa, em Lisboa, no período de 16 a 20 de abril de 2007).

CAÑO, M. G. del. *Catálogo de los manuscritos existentes en la Biblioteca Universitaria de Valencia*. Valencia: Librería Maragat, 1913. Tomo segundo.

CEPEDA, I. V. *Bibliografia da prosa medieval em língua portuguesa*. Lisboa: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1995.

_____. *et al. Inventário dos códices alcobacenses*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1978. Tomo VI (Índices).

CHIALÀ, S. *Dall'ascesi eremitica alla misericordia infinita: ricerche su Isaaco di Ninive e la sua fortuna*. Firenze: Leo S. Olschki, 2002.

DIONÍSIO, J. *De Portugal ao Rio de Janeiro: observações sobre o itinerário de um manuscrito com o "Livro de Isaac"*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2004. (Inédito).

INDEXCodicumBibliothecaeAlcobatiae. Lisboa: Typographia Regia, 1775.

MARTINS, M. O "Livro do Desprezo do Mundo", de Isaac de Nínive, em medievo-português. *Boletim de Filologia*, Lisboa, t.

XIII, p. 153-163, 1952. [Reed. em MARTINS, Mário. *O Livro do Desprezo do Mundo*, de Isaac de Nínive, em linguagem. In: _____. *Estudos de literatura medieval*. Braga: Livraria Cruz, 1956.]

MENEGAZ, R. (Ed.) *Livro de Isaac de Nínive (séc. XV)*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1994.

MENEGAZ, R. . O Livro de Isaac: de Alcobaça à Biblioteca Nacional. *Convergência Lusíada*, Rio de Janeiro, v. 19, p. 377-384, 2002.

MILLER, D. (Tr.) *The ascetical homilies of St. Isaac the Syrian*. Boston, Mass.: The Holy Transfiguration Monastery, 1984.

NUNES, J. J. Textos antigos portugueses VI. *Revista Lusitana*, Lisboa, v. XIX, p. 63-75, 1916.

OLSEN, Birger Munk. *La Vida de Santa Pelágia: une traduction portugaise médiévale et son modèle latin*. In: *Pelagie la penitente. Metamorphoses d'une legende*. Paris: Études Augustiniennes, 1984. Tome II - La survie dans les littératures européennes.

PONTES, J. M. da C. Um códice português quatrocentista na Biblioteca do Rio de Janeiro. *O Comércio do Porto*, 12 de junho de 1978, p. 5.

RARIDADES para bibliófilos do século XV ao século XIX inclusive livros sobre o Brasil e América: catálogo. Rio de Janeiro: Kosmos, 1961-62.

RIVARA, J. H. da C. et al. (Eds.) *Catálogo dos manuscriptos da Bibliotheca Pública Eborensis*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1871. Tomo IV.

WENSINCK, A. J. (Tr.) *Mystic treatises by Isaac of Nineveh*. Amsterdam: Koninklijke Akademie van Wetenschappen, 1923. [Reed.: Wiesbaden: Martin Sändig oHG., 1969]